

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT09.011

AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Neire Abreu Mota Porfiro¹
Queldimar Monteiro da Silva²
Carlos Magno Naglis Vieira³
Edneia Maria Azevedo Machado⁴

RESUMO

O presente estudo versa acerca das experiências ocorridas na Educação Infantil no município de Porto Velho, a partir da compreensão da Sociologia da Infância impulsionada pelas buscas de narrativas que apresentam discussões pelo olhar formativo a ser construído na identidade social na primeira etapa escolar. Desse modo, motivadas pelas discussões efetivadas na Disciplina de Narrativas Infantis e Linguagens das Crianças na Educação Escolar, que no perfilar da execução leva as pesquisadoras para pensar em relação a infância, prioritariamente na criança enquanto ser social de direito, independentemente da etapa escolar, bem como na essencialidade de construir espaços para nortear experiências e narrativas revelou-se a importância de assegurar pesquisas desta relevância social e científica dentro da Rede Municipal de Educação em Porto Velho. Nesse sentido, a pergunta que direcionou o estudo, se fez para responder: como ocorrem as experiências na Educação Infantil partindo dos

- 1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar – PPGEEProf da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO). nporfiro28@gmail.com;
- 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar – PPGEEProf da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO). kelzinhamonteiro1674@gmail.com;
- 3 Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar – PPGEEProf da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO). carlos.vieira@unir.br;
- 4 Professora Doutora Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar – PPGEEProf da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO). edneia.machado@unir.br

aportes da Sociologia da Infância? Sendo que, o objetivo geral consistiu em analisar experiências ocorridas na Educação Infantil partindo dos aportes da Sociologia da Infância. Tão logo, utilizando-se da abordagem qualitativa, com objetivo descritivo, realizou-se uma ação participante com crianças na EMEI Laudicéia Maria Lisboa Monteiro no mês de maio do ano de 2024, para consubstanciar as narrativas em espaços construtores de experiências. Trata-se de um momento enriquecedor para o universo das pesquisas que são desenvolvidas com o respectivo objeto temático, além de ser um desafio propagar cientificamente as reflexões.

Palavras-chave: Infância, Criança, Sociologia, Experiência.

INTRODUÇÃO

As descrições realizadas neste estudo enfatizam um momento significativo de aprendizagem, em cumprimento aos processos ocorridos na Disciplina de Narrativas Infantis e Linguagens das Crianças na Educação Escolar, que promoveu discussões e reflexões acerca da Sociologia da Infância ao nortear a compreensão da criança em sua totalidade, especificamente nos aspectos cognitivos, intelectuais e socioemocionais. A disciplina elencada teve como objetivo promover reflexões por meio das discussões que abordam a Sociologia da Infância contextualizada com a importância das narrativas que são criadas em ambientes construtores de aprendizagem para a criança, visando compreender em suas falas os saberes que estão sendo fundamentados para sua cidadania.

Ademais, os aportes discutidos na respectiva disciplina levam aos pesquisadores que estão se debruçando em seus estudos, a pensar na verdadeira interface do processo formativo que consubstancia a identidade social da criança na infância, enquanto direito legitimado em todo território brasileiro.

Principalmente, quando se rebusca esse olhar o “outro”, no caso específico do atual estudo é feito pela criança aqui especificada como ser social de direito, uma vez que a historiografia retrata um cenário composto por assistencialismo, ou até mesmo sem a separação do universo adulto.

Ademais, essas mudanças graduais foram ocorrendo em detrimento da importância de mudar o cenário existente visto que desde a antiguidade mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida.

Nesse sentido, com o passar de alguns marcos, foi sendo avançada a maneira de ver a infância e a criança socialmente, uma vez que Ariès (1981) destaca que ocorreram mudanças significativas no tratamento da família em relação às crianças, que caracterizam as diferenças entre a família medieval e a família moderna, além do mais o sentimento da infância.

Ademais, essas mudanças graduais foram ocorrendo em detrimento da importância de mudar o cenário existente, visto que desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que na idade medieval a desconhecia (Ariès, 1978).

A compreensão da criança como um sujeito de direitos e protagonista na construção de sua identidade social é um tema amplamente discutido na Sociologia da Infância. Essa perspectiva ressalta a importância das interações sociais e culturais que influenciam o desenvolvimento das crianças desde a primeira infância.

Segundo Corsaro (2011), as crianças não apenas absorvem a cultura ao seu redor, mas também contribuem ativamente para a sua reprodução e transformação, além disso, deve-se defender a importância de considerar a criança como um ator social, capaz de produzir e reproduzir cultura por meio de suas interações e narrativas. Ele afirma que as crianças não são apenas receptores passivos de influências adultas, mas também ativamente envolvidas na criação de suas próprias culturas de pares. Ao permitir que as crianças participem da construção de narrativas, os educadores possibilitam que elas expressem suas percepções e compreensões do mundo, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento social e cognitivo.

Além disso, Sarmiento (2005) reforça a ideia de que a infância deve ser vista como uma categoria social que não está separada da vida adulta, mas sim integrada a ela, de modo que as narrativas infantis representam formas autênticas de expressão e de construção de conhecimento. Ele argumenta que as crianças são agentes produtores de significados e que, ao permitir que elas participem ativamente nas narrativas, o processo educativo passa a reconhecer a diversidade de infâncias e respeitar a singularidade de cada criança.

Portanto, é essencial que a Educação Infantil ofereça um espaço onde as crianças possam ser protagonistas de suas próprias narrativas, como defendem Corsaro (2011), Sarmiento (2005), Oliveira-Formosinho (2007) e Marques (2017). O envolvimento ativo das crianças nas narrativas permite que elas expressem suas visões de mundo, negociem significados e desenvolvam suas habilidades comunicativas e sociais. Ao promover essa participação, os educadores estão contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

Oliveira-Formosinho (2007), por sua vez, destaca que a participação das crianças nas narrativas educativas não é apenas desejável, mas necessária para o desenvolvimento integral. Ao dar espaço para que as crianças criem e compartilhem suas próprias histórias, a educação infantil se torna um campo de aprendizagem mais colaborativo e interativo, onde a voz da criança é valorizada como uma fonte legítima de saber. Segundo ela, os ambientes educativos devem ser planejados de forma a permitir essa expressão ativa das crianças, pro-

movendo tanto a sua autonomia quanto a capacidade de se relacionar com o outro.

Nesse contexto, Marques (2017) acrescenta que a participação das crianças nas narrativas é um elemento central para a construção de suas identidades, ressaltando que as histórias que as crianças contam e ouvem são fundamentais para a formação de seu senso de pertencimento e para o desenvolvimento de suas competências sociais.

As narrativas são, portanto, uma forma de as crianças organizarem suas experiências e compreenderem o mundo ao seu redor, sendo essencial que elas sejam incentivadas a participar ativamente desse processo na educação infantil.

A utilização de narrativas na Educação Infantil tem se mostrado uma prática essencial para o desenvolvimento integral das crianças. Segundo Bruner (2001, p. 44), as narrativas “desempenham um papel central no desenvolvimento cognitivo, pois ajudam as crianças a organizarem suas experiências e dar sentido ao mundo ao seu redor”. O autor defende que, ao participar de atividades narrativas, “as crianças não só exercitam suas habilidades linguísticas e comunicativas, mas também desenvolvem sua capacidade de pensar criticamente e de relacionar-se com os outros” (Bruner, 2001, p. 45). Assim, a prática de construir e compartilhar histórias é uma ferramenta poderosa para a construção de conhecimento e de identidade.

Além do aspecto cognitivo, as narrativas desempenham um papel importante no desenvolvimento socioemocional das crianças. Para Moura (2018), a contação e criação de histórias em ambientes educativos promovem o desenvolvimento da empatia e da cooperação, uma vez que “as crianças aprendem a se colocar no lugar do outro e a valorizar as diferentes perspectivas” (Moura, 2018, p. 67).

As narrativas possibilitam que as crianças lidem com seus sentimentos e emoções, oferecendo um espaço seguro para que elas explorem e expressem suas experiências de forma criativa. Dessa forma, trabalhar com narrativas na Educação Infantil permite que as crianças se reconheçam enquanto sujeitos e fortaleçam seus laços sociais.

Oliveira (2019, p.111) destaca ainda que “as narrativas são fundamentais para a construção da cultura infantil”. Ele argumenta que, ao contar e ouvir histórias, “as crianças não apenas aprendem sobre o mundo, mas também produzem e reproduzem suas próprias culturas” (Oliveira, 2019, p. 112).

Nesse processo, as crianças se apropriam de elementos da cultura adulta, ao mesmo tempo que criam suas próprias formas de expressão, constituindo um espaço de troca cultural entre gerações. Ao trabalhar com narrativas, os educadores promovem um ambiente que valoriza a diversidade e a pluralidade de infâncias, reconhecendo a criança como um ser ativo e criador no processo educativo.

Dessa forma, a infância deve ser vista como um fenômeno social que se constitui a partir das relações intergeracionais, refletindo a diversidade de contextos culturais e históricos nos quais as crianças estão inseridas.

Ariès (1981) argumenta que a concepção da infância passou por profundas transformações ao longo dos séculos, especialmente a partir do século XII, quando a criança começou a ser reconhecida como um ser distinto dos adultos, com necessidades e direitos específicos. Essas mudanças estão intimamente ligadas às transformações econômicas e sociais das sociedades ocidentais, que passaram a valorizar a infância como uma fase crucial para o desenvolvimento humano.

Outro aspecto central da Sociologia da Infância é a pluralidade das infâncias. Sarmiento (2005) destaca que não existe uma única forma de ser criança, mas sim “infâncias”, que variam conforme o contexto social, econômico e cultural. A partir dessa visão, é necessário considerar as diversas realidades vivenciadas pelas crianças, que se expressam de maneiras diferentes em suas narrativas e experiências.

A Educação Infantil, nesse sentido, torna-se um espaço privilegiado para a formação dessas identidades sociais. Segundo Oliveira-Formosinho (2007), os ambientes educativos devem ser estruturados de maneira a respeitar e valorizar as vozes das crianças, possibilitando que elas expressem suas vivências e percepções do mundo ao seu redor. O papel do professor é fundamental nesse processo, atuando como mediador e facilitador das interações que promovem o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

As contribuições de autores como Sarmiento (2005) e Oliveira-Formosinho (2007) ampliam a compreensão de que a infância não é uma fase única e homogênea. Sarmiento defende a ideia de “infâncias plurais”, onde o contexto social, cultural e econômico das crianças influencia diretamente suas experiências e desenvolvimento. A noção de que a infância é uma construção social leva à percepção de que as crianças são participantes ativas de suas culturas, não apenas receptoras de ensinamentos dos adultos.

Segundo Oliveira-Formosinho (2007), o papel das narrativas é central no desenvolvimento da criança. As histórias que as crianças contam, ouvem e recriam são formas de elas expressarem e construírem suas identidades. Essas narrativas, criadas em ambientes como a escola e o lar, são ferramentas importantes para a formação da cidadania e para a inserção das crianças como sujeitos ativos em suas comunidades. Além disso, as narrativas ajudam as crianças a entenderem e interpretar o mundo à sua volta, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades sociais e cognitivas.

Nesse sentido, é fundamental que o ambiente educativo seja um espaço de acolhimento e promoção dessas narrativas. Ao incentivar as crianças a expressarem suas histórias e experiências, os educadores não apenas promovem o desenvolvimento da linguagem, mas também facilitam a construção de identidades sociais. Oliveira-Formosinho (2007) ressalta que o professor, como mediador, deve valorizar as vozes das crianças, proporcionando um ambiente rico em oportunidades de interação e aprendizagem.

Sendo assim, para contextualizar sobre as narrativas se inseriu alguns autores que possam delinear sobre a sociologia da infância dialogando com a experiência efetivada na EMEI Laudicéia Maria Lisboa Monteiro, em que possibilitou as pesquisadoras encontrarem respostas para algumas indagações organizadas na pergunta: como a sociologia da infância se faz presente nas experiências ocorridas na Educação Infantil? Enquanto o objetivo geral pautou-se em analisar experiências ocorridas na Educação Infantil partindo dos aportes da Sociologia da Infância.

Para tanto, estruturou-se momentos que referendaram uma significativa experiência que discorre das narrativas no ambiente escolar com espaços construtores de aprendizagem.

METODOLOGIA

A construção metodológica do relato de experiência se fez pela adoção da abordagem qualitativa, com objetivo descritivo através de uma base teórica feita por Kuhlmann Júnior (2001); Pinto & Sarmiento (1997); Sarmiento (2004; 2005); Corsaro (2011); Ariés (1978; 1981) e Oliveira-Formosinho (2007) que deram a sustentabilidade para a discussão.

Em relação ao campo empírico a pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Laudicéia Maria Lisboa Monteiro, localizada na

cidade de Porto Velho, pertencente à Rede Municipal de Ensino. Esta escola atende crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, em um contexto de inclusão social e diversidade cultural, fatores que tornam o ambiente ideal para o estudo das interações sociais na primeira infância a partir da perspectiva da Sociologia da Infância no dia 08 de maio de 2024.

A EMEI possui um projeto pedagógico que visa promover o desenvolvimento integral das crianças, com foco em práticas que incentivam a autonomia e a expressão por meio de narrativas e atividades lúdicas. O espaço físico é adaptado para estimular a participação ativa das crianças em atividades coletivas e em momentos de brincadeira, que são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

A atividade desenvolvida durante o estudo foi estruturada em um formato participativo, envolvendo as crianças de 5 anos em uma experiência que permitiu a observação de suas interações e narrativas. A atividade foi realizada em um período de três horas, no turno da tarde, com a participação de 20 crianças.

Para tanto, algumas etapas foram organizadas para o desenvolvimento da atividade proposta:

1. Início da atividade – apresentação da proposta: As crianças foram inicialmente reunidas em um espaço aberto da escola, onde a professora titular explicou o tema da atividade: “A sopa da imaginação”. O objetivo era que as crianças recriassem, por meio de narrativas e brincadeiras, os ingredientes de uma sopa imaginária, estimulando a criatividade e a cooperação entre os pares.
2. Organização dos grupos: As crianças foram divididas em pequenos grupos, onde cada uma tinha a oportunidade de propor ingredientes imaginários para a sopa. Este momento foi importante para observar a interação entre as crianças e as negociações que ocorriam durante a construção coletiva da narrativa.
3. Desenvolvimento da atividade: Cada grupo teve a oportunidade de compartilhar sua narrativa com os demais, explicando os ingredientes e como a “sopa” seria preparada. Durante esse processo, as pesquisadoras registraram as falas das crianças e suas interações, buscando identificar elementos de construção de identidade e socialização.
4. Encerramento – roda de conversa: Ao final da atividade, foi realizada uma roda de conversa para que as crianças pudessem refletir sobre

o que haviam aprendido e como se sentiram ao participar da atividade. Esse momento permitiu que as pesquisadoras coletassem dados qualitativos sobre a percepção das crianças acerca da importância da colaboração e do compartilhamento de ideias.

Foram utilizadas técnicas de observação participante, onde as pesquisadoras acompanharam a dinâmica das crianças sem interferir diretamente nas interações, garantindo que as narrativas e os comportamentos emergissem de forma natural. Os diálogos foram registrados em anotações de campo, com consentimento dos pais, respeitando os princípios éticos de pesquisa com crianças.

As pesquisadoras respeitando o uso de imagem e os princípios éticos realizou-se a participação com o acompanhamento da professora titular da turma, não realizando mudanças na ação já planejada na ação docente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A infância é ditada pelas condições sociais dos indivíduos em cada época. Assim, ao seguir a ideia de Kuhlmann Júnior cita o conceito sobre infância que foi sendo ampliado como uma condição do ser criança, devendo ser compreendida no contexto das relações sociais existentes em que:

[...] considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais etc., reconhecê-las como produtoras da história (2001, p. 31)

Outrossim, é salutar entender que o significado genérico da infância está diretamente ligado às transformações sociais, culturais e econômicas da sociedade de um determinado tempo e lugar, em detrimento dos sistemas de classes, das idades apresentadas que definem os status.

Tão logo, a infância deve ser compreendida como fenômeno social entendida como categoria estrutural (Sarmiento, 2005) que não elimina os efeitos de classe, gênero ou raça, mas se integra a eles. Para tanto, propõe o termo infâncias no plural para representar uma pluralização dos modos de ser criança, considerando as infâncias “uma categoria social do tipo geracional pela qual se

revelam as possibilidades e os constrangimentos de estrutura social” (Sarmiento, 2005, p. 363).

Dado ao exposto, do conceito posto pela infância, insere-se a ideia para inserção da compreensão do ser criança feita por Pinto & Sarmiento (1997, p. 17), em que:

Ser criança varia entre os tipos de sociedades, formas culturais, e formas de comunidade, que podem variar no interior da pátria, sendo que dentro de uma mesma família pode variar a estrutura social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época.

A afirmativa anterior, relembra o pensamento detalhado por Ariés (1978) que até o século XII, as crianças quase não apareciam nas representações iconográficas. Já no século XIII, o autor relata que as crianças passaram a ser mais representadas, e o sentimento atribuído às imagens ficou mais próximo do sentimento contemporâneo.

Em continuidade, na ótica de Ariès (1978) não significa negar a existência biológica das crianças, nem mesmo a falta de amor por elas, mas de considerar as transformações no modo como as pessoas, em especial, as famílias, passaram a ver as crianças e reconhecendo nelas a sua condição peculiar diferenciada do adulto.

Por conseguinte, no campo de definições Sarmiento de maneira individualizada comenta que as crianças começam ao receber um olhar como seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: “a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem, os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças” (2004, p. 10).

Outro conceito muito presente da concepção de criança é feita por Corsaro (2011, p. 94-95),

[...] as crianças não se desenvolvem simplesmente como indivíduos, elas produzem coletivamente culturas de pares e contribuem para a reprodução de uma sociedade ou cultura mais ampla [...] É particularmente importante a ideia de que as crianças contribuem com duas culturas (a das crianças e a dos adultos) simultaneamente.

Com o passar dos anos a criança tornou-se um sujeito de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa,

experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

Dessa forma, a Sociologia da Infância emerge como campo de estudos que questiona a concepção clássica de socialização (segundo a qual a criança é compreendida apenas como objeto do processo), e propõe a percepção da infância como construção social, componente estrutural da sociedade, apontando a criança como ator e sujeito produtor de cultura (Marques, 2017).

O conceito permite-nos distinguir as especificidades da infância em relação à idade adulta, e evidenciar sua permanência na sociedade, independentemente dos sujeitos que a compõem – as crianças crescem, mas a infância permanece na sociedade enquanto forma estrutural.

A partir dessa teoria, efetivou-se uma ação com observação participante no acompanhamento feito nas aulas na EMEI Laudicéia Maria Lisboa Monteiro, no qual as pesquisadoras fizeram todo o processo de execução das atividades propostas e colheram algumas falas que permitiram narrativas do momento realizado.

Os resultados obtidos durante a atividade “A sopa da imaginação” demonstraram a importância das narrativas infantis como ferramentas fundamentais para a construção de identidades sociais e culturais, conforme discutido por Corsaro (2011).

As interações entre as crianças revelaram que, mesmo em momentos lúdicos, elas estão envolvidas em processos de negociação e colaboração, elementos centrais no desenvolvimento de suas capacidades sociais. Conforme Corsaro (2011, p. 95) afirma, “as crianças não se desenvolvem simplesmente como indivíduos, mas contribuem para a criação de uma cultura de pares”, e essa cultura de pares pôde ser claramente observada durante as interações narrativas.

Durante a atividade, foi possível perceber como as crianças construíam coletivamente suas narrativas, negociando os ingredientes imaginários da “sopa”, o que está em consonância com os estudos de Sarmiento (2005), que propõe a existência de “infâncias plurais”.

Nesse contexto, as diferentes experiências vividas pelas crianças em seus lares e comunidades influenciaram diretamente suas contribuições para a atividade, reforçando a ideia de que a infância é uma categoria social que varia conforme o contexto cultural e social de cada criança.

Outro ponto observado foi a capacidade das crianças de assumirem papéis ativos na construção de suas narrativas, uma característica destacada por Oliveira-Formosinho (2007), que discute a importância de proporcionar às crianças oportunidades de expressarem suas próprias histórias e perspectivas.

Ao serem encorajadas a compartilhar suas narrativas em grupo, as crianças da atividade desenvolveram suas habilidades de comunicação e socialização, além de exercitarem a autonomia e o pensamento crítico. Segundo Oliveira-Formosinho (2007), essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento da cidadania infantil, pois permitem que as crianças reconheçam suas vozes como legítimas dentro do espaço social da escola.

A observação participante permitiu também identificar como as crianças lidaram com os desafios da colaboração, algo que está alinhado às reflexões de Kuhlmann Jr. (2001) sobre a infância enquanto condição social. As interações observadas indicam que as crianças estão em constante aprendizado sobre os papéis sociais que devem desempenhar em seus grupos de pares, e atividades como a realizada proporcionam um campo fértil para esse desenvolvimento.

Ainda, as falas das crianças, ao final da atividade, revelaram uma forte identificação com o trabalho coletivo e o prazer de ver suas ideias sendo valorizadas no contexto do grupo. Esse resultado vai ao encontro das discussões de Corsaro (2011), que argumenta que as crianças participam ativamente da reprodução cultural, desenvolvendo sentidos próprios sobre as dinâmicas sociais que as cercam. A “sopa” criada coletivamente pelas crianças não foi apenas um exercício de imaginação, mas também um reflexo das trocas culturais e das interações sociais que as envolvem diariamente.

Portanto, os resultados sugerem que atividades baseadas em narrativas e colaboração não só promovem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças, como também proporcionam um espaço para que elas exercitem e ampliem sua compreensão de si mesmas e do outro. Isso reforça a importância de criar ambientes educativos que valorizem a voz das crianças, como sugere Oliveira-Formosinho (2007), promovendo práticas pedagógicas que vão além da simples transmissão de conhecimento, mas que também estimulem a criatividade, a autonomia e o trabalho colaborativo.

Desse modo, foi uma tarde de muito ensino com as crianças, e observação da atuação profissional da professora que elabora espaços construtores de aprendizagem, ao possibilitar experiências concretas no espaço escolar, nortea-

dos por uma estrutura demonstrada pelas imagens a seguir, na sequência das etapas:

Figura 1 – Imagens – Experiência – EMEI Laudicéia Maria Lisboa Monteiro



Fonte: imagens das pesquisadoras (2024)

Ao chegarem no espaço destinado ao desenvolvimento das atividades, a primeira narrativa espontânea surgiu de uma das crianças, que afirmou com

entusiasmo: “*vamos, hoje irei fazer sopa*”. Esse comentário inicial trouxe à tona a relevância das interações infantis no ambiente escolar, onde a brincadeira e a imaginação se entrelaçam de forma natural.

A proposta da “sopa” não foi apenas um jogo de faz de conta, mas também o ponto de partida para que as crianças começassem a construir coletivamente suas narrativas, integrando-se ao contexto social ao qual pertencem. A partir dessa pequena afirmação, o grupo começou a organizar as ideias, delineando a atividade lúdica como um espaço de expressão individual e coletiva.

A organização dos cenários contou com a colaboração ativa das crianças, que, com orientação da professora e das pesquisadoras, se engajaram na tarefa de preparar os “ingredientes” imaginários para a sopa. Cada criança contribuiu de maneira singular, demonstrando a pluralidade de suas experiências e percepções do mundo.

Esse momento de criação foi essencial para observar como as crianças negociam papéis e ideias, o que, segundo Corsaro (2011), é uma característica fundamental da cultura de pares. A atividade, além de incentivar a imaginação, promoveu o desenvolvimento de habilidades sociais, como a cooperação e a escuta ativa entre os colegas.

No entanto, devido ao clima quente e úmido típico da região amazônica, foi possível perceber que algumas crianças demonstraram cansaço e acabaram não se envolvendo plenamente nas ações propostas. Esse fator ambiental, por mais simples que pareça, destaca a importância de considerar o contexto físico e cultural nas atividades pedagógicas.

Como ressaltado por Oliveira-Formosinho (2007), é essencial que os ambientes educativos sejam ajustados às necessidades das crianças, levando em conta fatores que podem influenciar seu comportamento e disposição durante o processo de aprendizagem. Ainda assim, mesmo diante desse obstáculo, o grupo continuou a interagir, adaptando-se ao ritmo da tarde.

As observações feitas durante esse período reforçam a ideia de que a criança é um ser social ativo, capaz de construir significado a partir das interações com o ambiente e com os colegas. Mesmo com as variações na participação, as crianças que permaneceram envolvidas na atividade demonstraram um grande senso de pertencimento ao grupo, intercalando suas narrativas com elementos da realidade local e da fantasia. A atividade, apesar de suas limitações momentâneas, cumpriu seu papel como um espaço de aprendizado, onde a criança pôde

brincar, experimentar e criar, enquanto construía sua identidade social em um contexto que valoriza a pluralidade de experiências.

Mesmo com o respectivo desafio, verifica-se que a criança precisa de estímulos para adquirir suas habilidades sociais, sendo assim, espaços diferenciados promove diversas experiências além da sala de aula. Participar deste momento, mesmo sendo um brevidade de tempo demonstra que ainda é importante uma ampliação de estudos neste universo da sociologia da infância para nortear o entendimento da criança enquanto ser social e cultural.

CONCLUSÃO

Ao chegar nas palavras finais deste relato de experiência verificamos muitas reflexões que foram ocorrendo, iniciadas primeiramente nos estudos da disciplina, posteriormente vivenciando na escola. Porém, os dois momentos trouxeram para as pesquisadoras a certeza da importância de ampliar os discursos epistemológicos envoltos a sociologia da infância.

Uma vez que, a pesquisa permitiu observar e analisar a importância das narrativas no contexto da Educação Infantil, evidenciando que as crianças não são apenas receptoras passivas de conhecimento, mas agentes ativos na construção de suas próprias histórias e identidades. Durante as atividades realizadas na EMEI Laudicéia Maria Lisboa Monteiro, as crianças demonstraram grande capacidade de colaboração, criatividade e imaginação, criando cenários e narrativas que refletiam tanto suas realidades locais quanto elementos do imaginário coletivo infantil.

Os resultados indicam que as narrativas possuem um papel fundamental no desenvolvimento infantil. Através da construção coletiva de histórias, as crianças têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades comunicativas, sociais e emocionais. Elas aprendem a se expressar, a ouvir o outro e a trabalhar em conjunto, elementos cruciais para o desenvolvimento de competências necessárias para a vida em sociedade. Como demonstrado por Corsaro (2011), as crianças, ao criarem e compartilharem suas narrativas, estão não apenas reproduzindo a cultura, mas também contribuindo para a sua transformação.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa foi o papel do ambiente educativo como facilitador dessas narrativas. Ao proporcionar espaços e momentos em que as crianças podem interagir livremente e construir suas his-

tórias, os educadores promovem a autonomia infantil, valorizando suas vozes e suas perspectivas sobre o mundo.

Como discutido por Oliveira-Formosinho (2007), é fundamental que o ambiente escolar seja estruturado de maneira a permitir que as crianças sejam protagonistas de suas aprendizagens, reconhecendo nelas o potencial criativo e social.

Dessa forma, pensar as narrativas como parte integrante do processo educativo na Educação Infantil é não apenas uma estratégia pedagógica eficaz, mas também uma prática que valoriza o desenvolvimento integral da criança.

As narrativas não são apenas histórias contadas; elas são ferramentas poderosas para que as crianças construam e compreendam o mundo ao seu redor, criando sentido para suas vivências e promovendo a sua inserção na sociedade. Ao reconhecer a importância das narrativas, os educadores podem fomentar um ambiente mais inclusivo, onde a diversidade de experiências e a pluralidade de infâncias são respeitadas e valorizadas.

Em suma, este estudo reafirma a relevância de incluir práticas narrativas no cotidiano escolar da Educação Infantil, uma vez que elas contribuem significativamente para o desenvolvimento das crianças como seres sociais e culturais. A criação de espaços para a livre expressão e a construção de narrativas é essencial para a formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de interagir de maneira colaborativa em uma sociedade plural e em constante mudança.

Por fim, destaca-se que a análise das narrativas infantis a partir da Sociologia da Infância permitiu ampliar nossa compreensão sobre o papel das crianças na construção de significados sociais. Através das interações com seus pares e com o ambiente, as crianças demonstraram que são mais do que objetos de socialização, elas são, de fato, sujeitos sociais que participam ativamente da cultura e da produção de sentidos.

Finaliza-se destacando que para as pesquisadoras, a experiência trouxe afirmação, mas novos horizontes para as futuras ações pela ciência a serem desenvolvidas no mestrado e no doutorado. A criança e a infância são palavras de relevância social e científica.

REFERÊNCIAS

ARIËS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARIËS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRUNER, Jerome. **Atos de Significação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto- Alegre: Artmed, 2011.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MARQUES, S. C. **Narrativas na Infância: as crianças como produtoras de cultura**. São Paulo: Cortez, 2017.

MOURA, Ana Clara. **A Importância da Narrativa no Desenvolvimento Infantil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia da infância: diálogos entre Brasil e Portugal**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **Narrativas Infantis e Cultura: a voz das crianças na educação**. São Paulo: Cortez, 2019.

PINTO, M. SARMENTO, M. J. (Coords.). **A infância como construção social**. Braga: Bezerra, 1997. p. 62-70.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto. Asa, 2004.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 361 – 378. Disponível em: <https://doi:10.1590/S0101-73302005000200014>. Acesso em 10 out. 2024.